

Máquinas ancestrais da
encruzilhada: povo da rua
como alternativa à
sociedade manicomial

*Ancestral machines of the
crossroads: "povo da rua"
as an alternative to the
asylum-based society*

Resumo

O presente artigo passeia entre dois itinerários aparentemente inconciliáveis: a psicanálise lacaniana e a esquizoanálise. Há, aqui, dois momentos: no primeiro, concentro-me em meu encontro com a poética dos falatórios de Stella do Patrocínio e em como sou tocado por sua história pessoal, dialogando com a aplicação clínica do pensamento de Deleuze e Guattari; em um segundo momento, conto sobre meu encontro com a Pombagira Dama da Noite, me remetendo ao conto homônimo de Caio Fernando Abreu e a alguns conceitos utilizados por Lacan em seu Seminário 10. Entre possibilidades de convergência, a expectativa é pensar em como esquizoanálise e psicanálise lacaniana podem contribuir para a construção de uma poética antimanicomial.

Palavras-chave: Pombagira; Stella do Patrocínio; Esquizoanálise; Psicanálise.

* Universidade Estadual Paulista (UNESP). marcelobranquinho9@gmail.com

Abstract

This article moves between two seemingly irreconcilable itineraries: Lacanian psychoanalysis and schizoanalysis. It unfolds in two moments. In the first, I focus on my encounter with the poetics of Stella do Patrocínio's falatórios (speech acts or spoken monologues) and on how I am affected by her personal history, engaging in dialogue with the clinical application of Deleuze and Guattari's thought. In the second, I recount my encounter with Pombagira Dama da Noite, referring both to Caio Fernando Abreu's short story of the same name and to several concepts elaborated by Lacan in his Seminar X. Amid possible points of convergence, the expectation is to consider how schizoanalysis and Lacanian psychoanalysis may together contribute to the construction of an anti-asylum poetics.

Keywords: Pombagira; Stella do Patrocínio; Schizoanalysis; Psychoanalysis.

O texto que aqui se constrói é motivado por Judith Butler (2000) que trouxe o seu questionamento, se perguntando como seria se, ao invés de Édipo, a figura central da psicanálise fosse a de Antígona. Nesta provocação, Butler imagina as implicações políticas e sociais de um mito que habitava as margens das leis e da sociedade, friccionando as formas de reconhecimento e expressão de dissidência. Ao pensar uma psicanálise baseada em Antígona, Butler questiona a própria matriz heterossexual e patriarcal do pensamento freudiano, buscando outras vias para a construção de laços e de reconhecimento, tensionando as formas que excedam os entendimentos sobre identidades.

Duas experiências distintas me mobilizam para o ponto inicial deste artigo, que pensa as máquinas ancestrais do povo da rua como uma alternativa à sociedade de lógica manicomial, a começar de minhas experiências de leitura dos falatórios de Stella do Patrocínio (2001)¹, transcritos por Viviane Mosé. Internada por quase 30 anos na Colônia Juliano Moreira, Stella produziu uma

1 Patrocínio, Stella do. *O reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Organização e transcrição de Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

literatura que não cabe no cânone, um discurso que atravessa a forclusão e a devolve em forma de máquina poética. Sua fala é uma cartografia das vozes, repetições, transbordamentos, imagens de uma cidade que se constrói e se destrói dentro da boca que fala, imagens que a psiquiatria tentou e ainda tenta abafar. Seria o excesso de lucidez uma forma de loucura? Enxergar aquilo que escapa a uma sensibilidade neurótica também é maneira de ocupar um espaço que transcende o que se entende por normalidade?

Se, na psicanálise lacaniana, a forclusão funciona como a estrutura psíquica que marca a ausência do Nome do Pai enquanto significante mestre e organizador do mundo simbólico, podemos dizer que a sociedade neurotizada trabalhou para foracluir as expressões de dissidência corporal do espaço urbano. Desse investimento temos como resultado não só os manicômios, mas um constante empenho em higienização de espaços ocupados por artistas de rua, pessoas em situação de rua, pessoas que constroem uma discursividade incapaz de ser simbolizada ou capturada pela lógica manicomial. Diante disso, me pergunto quantas vozes como a de Stella do Patrocínio podem ter sido vítimas da compreensão limitada de uma sociedade cada vez mais neurotizada, higienizada e manicomial. Quantos sujeitos como Stella foram alienados da experiência de produzir conexões rizomáticas e formar famílias não biológicas, restringindo-se a ter uma família de médicos e cientistas, como foi o caso de Stella, cuja mãe, uma empregada doméstica internada na mesma colônia, não teve contato com a própria filha.

*Você nasce sempre
Tem seus herdeiros e seus hereditários todinhos
Tem sua família
Eu não tenho mais família
Minha família toda já morreu
To na família do cientista (Patrocínio, 2001, p.129)²*

Os falatórios de Stella funcionam não apenas como possibilidade poética e construção de uma passagem para fora do regime despótico de significação, como também denunciam uma instituição que, por muito tempo, fora vista como o melhor e mais apropriado exemplo de hospital psiquiátrico para lidar com sujeitos limítrofes, diagnosticados como esquizofrênicos ou expostos a episódios de loucura. Aqui, caberia também o conceito de “oralitura”,

2 *Ibidem*

desenvolvido por Leda Maria Martins (1997), para designar textualidades inscritas no corpo, na voz e performance, de modo que escapam à captura pela lógica escritural da colonialidade.

*Sinto muita sede muito sono muita preguiça
muito cansaço
Fico na malandragem na vagabundagem como
marginal
E como malandra como marginal como malandra
na malandragem
Na vagabundagem e na vadiagem como marginal
(Patrocínio, 2001, p.57).³*

Esse falatório de Stella me conduz à segunda cena que toma espaço em minha primeira ocasião como frequentador de um terreiro de Quimbanda, localizado no bairro da Liberdade, em São Paulo. No culto a Exu, Pombagira e malandros, me deparei com uma experiência visceral de radicalidade corporal da espiritualidade. Eram entidades que bebiam, xingavam, expressavam desejos sexuais, pediam por sacrifício animal, enquanto davam conselhos e apresentavam possíveis norteamentos e possibilidades de vida para pessoas angustiadas, como eu, que ali estavam sentadas. Nessa direção, Bruna Beber (2022) analisa a voz de Stella como ‘voz objeto’ e ‘voz evento corpóreo’, mostrando como sua poética se constrói nas encruzilhadas entre loucura e encantamento, em que as umbandas aparecem como território possível para essa expressão corpórea.

Em um terreiro em que todos os presentes trajavam preto, sem o uso de atabaque, pois o ogã não havia comparecido naquele dia, com o chão coberto de pétalas de rosas, tenho a oportunidade de conversar com a Pombagira Dama da Noite. De imediato, me remeto ao conto de Caio Fernando Abreu, em que uma prostituta, um sujeito da noite, ou a própria falange da Pombagira encontra-se em um bar e dirige alguns conhecimentos, ressentimentos e ensinamentos a seu interlocutor, a quem chama de “boy” - aparentemente, um homem gay juvenil com poucas vivências. Sou aconselhado e atravessado por essas falas que significam uma nova perspectiva de vida: eu poderia me mudar para São Paulo e realizar o sonho de me emancipar da vida no interior, em troca de trabalhar naquele terreiro. Não sem medo e relutância,

3 *Ibidem*

aceitei o convite, que posteriormente não veio a de fato se concretizar, pois a vida acabou me levando para o Rio de Janeiro e, alguns meses depois, soube por terceiros que o casal de sacerdotes, cuidadores daquele terreiro, havia se separado, gerando uma cisão entre os membros e médiuns frequentadores.

Arrebatado por aquela conversa e os conselhos que dali brotaram, bem como a confiança renovada em uma possibilidade de futuro livre da alienação da vida interiorana por tanto tempo, saio do terreiro e me deparo com uma cena que serviu como interpolação ou como espelhamento do que havia acabado de testemunhar, ou mesmo como referência ao conto de Caio. Em uma rua soturna da Liberdade, em uma noite fria em pleno novembro, em frente a um bar de esquina, amontoava-se um grupo de travestis, que ali bebiam, gritavam, aproveitavam o que somente a noite pode oferecer àqueles que são foracluídos da movimentação diurna de uma sociedade higienista.

Aquela cena não somente espelhava o que havia vivido e o referido conto *Dama da Noite*, mas me fez pensar em como Pombagiras, Exus e malandros oferecem um devir-povo da rua que funciona como alternativa não só à sociedade, mas também a um modo de vida manicomial, que reserva ao território da loucura quaisquer tipos de subjetividades que borram a normatividade. O que me separa de Stella do Patrocínio e das travestis que vi no bar é não somente as categorias de raça e gênero, como também um diagnóstico de neurose, do qual meu inconsciente não consegue fugir, com seu significante despótico e todo o regime de significação que disso decorre.

A encruzilhada (e aqui estou pensando tanto no sentido literal das ruas quanto no sentido cosmopolítico das religiões de matriz africanas) é o oposto do significante despótico. Ela é o lugar onde múltiplas linhas coexistem sem hierarquia, onde o sentido se multiplica e não se fecha. No vocabulário de Deleuze e Guattari (1995), a encruzilhada funcionaria como plano de consistência: um campo em que forças, fluxos e desejos se conectam diretamente, sem passar por um centro regulador. O povo da rua, presente nas encruzilhadas, é guardião dessas conexões: são operadores de transversalidades que mantêm aberto o trânsito entre mundos.

O povo da rua, incorporado em terreiros de Quimbanda e Umbanda, simboliza precisamente um tipo de ancestralidade que, cada vez mais, é expulsa do tecido urbano, em um gesto de forclusão pela sociedade neurotizada. Esse povo traz as ancestralidades de sujeitos que viveram vidas limítrofes e sofreram na pele todo tipo de institucionalização da violência e da manicomialização da vida pelas políticas do Estado.

Nesse leque de personagens urbanos, o Malandro é, talvez, o cartógrafo mais irônico da cidade. Ele se move por dentro das linhas de fuga, e aqui é importante lembrar que a linha de fuga, para Deleuze e Guattari (1995; 2011)⁴, não é a fuga covarde, mas a fuga criadora, aquela que escapa para inventar outro arranjo. Como diz Stella: “Fico na malandragem na vagabundagem como marginal/ E como malandra como marginal como malandra/ na malandragem”. O Malandro vive em desacordo com a linearidade da cidade planejada. Afinal, “O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio”, diz Stella. Ele não se fixa, não cumpre o horário que lhe foi imposto, não ocupa o espaço que lhe foi designado. Sua vida é uma deriva controlada, um deslocamento que desorganiza o fluxo capitalista e policial, como o fizeram seu Zé Pilintra, Maria Navalha, Madame Satã, entre outras personagens que figuram em romances de Lima Barreto, os quais ocupavam as margens do tecido urbano já em fins de século XIX e início do XX. Na luta antimanicomial, o Malandro é a imagem que ressurgue como a de quem recusa a internação no tempo disciplinar: ele mantém abertas as fendas no relógio social, impedindo que o tempo se torne uma cela.

*Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
 Eu era ar, espaço vazio, tempo
 E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó
 Eu não tinha formação Não tinha formatura
 Não tinha onde fazer cabeça
 Fazer braço, fazer corpo
 Fazer orelha, fazer nariz
 Fazer céu da boca, fazer falatório
 Fazer músculo, fazer dente
 Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas
 Fazer cabeça, pensar em alguma coisa
 Ser útil, inteligente, ser raciocínio
 Não tinha onde tirar nada disso
 Eu era espaço vazio puro
 (Patrocínio, 2001, p. 82)⁵*

4 Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz Orlandi e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2011.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

5 *Ibidem*

E é nesse ponto que a figura da Pombagira converge com os falatórios de Stella do Patrocínio. Se o Malandro mexe no tempo, a Pombagira mexe no corpo. Ela é uma máquina desejante no sentido pleno, já que não separa erotismo de política; desejo, de luta.

*Eu não sei o que fazer da minha vida
Por isso eu estou triste
E fico vendo tudo em cima da minha cabeça
Em cima do meu corpo
Toda hora me procurando me procurando
E eu já carregada de relação sexual
Já fodida
Botando o mundo inteiro pra gozar e sem gozo nenhum
(Patrocínio, 2001, p.125)⁶*

Assim como a *Dama da noite*, de Caio Fernando Abreu, que se ressentia por ser excluída da roda que gira o mundo e só observa enquanto os outros gozam, Stella consegue, por meio de uma máquina poética, expressar seu descontentamento, reconhecendo a foraclusão da qual é produto. Aqui, o desejo aparece não como complemento da falta, mas como a falta que gera mais falta. A presença da Pombagira desterritorializa as normas de gênero e sexualidade e expõe o caráter arbitrário das dicotomias urbano-morais: a mulher decente / a mulher indecente, a vida respeitável / a vida maldita. Nas encruzilhadas, a Pombagira performa uma insubordinação estética e afetiva contra o projeto de higienização moral da cidade. E no campo antimanicomial, ela encarna os afetos e intensidades que a psiquiatria clássica tentou neutralizar: vozes múltiplas, trânsitos entre mundos, expressões não domesticadas do desejo.

Primeira roda: encontro com a Dama da noite

Você acha que não, mas a roda gigante do mundo gira quando você aparece por aqui. Você pode não participar, mas sempre coloca ela para girar. Apesar de aparecer sempre pela noite e dessa aparente vagareza, você desorganiza o andar e coloca os desejos para andar. Uma conversa de bar com você mexe tudo, muda caminhos, desbanca certezas, aprimora algumas dúvidas. Uma

⁶ *Ibidem*

sessão de conversa com aquela que se senta no bar e faz a roda gigante voltar a girar. Depois da nossa conversa sempre aparece um homem bonito na minha frente, com pau bonito e que chupa meu cu com muita sede. Gosto de pensar que esses encontros fortuitos aparecem com a força das suas palavras. Eu não preciso pagar por esse prazer e por esses encontros fortuitos e essa sua presença possibilita isso. Não tenho queixo furadinho, mas gosto sim de dar o rabo. Você sabe. Eu não preciso nem falar.

A roda que gira a engrenagem do mundo capitalista, que você observa de fora e ajuda quem também observou de fora por muito tempo, como eu. Gayzinha do interior, neurótica histérica, insegura de si, criticada e corrigida pelo pai, objeto de vergonha da mãe. Depois do nosso primeiro encontro, em que você tomava goles de champanhe com muita calma entre uma pergunta e outra, entre um questionamento e apontamento cirúrgico, saio do terreiro e me deparo com algumas travestis sentadas em um bar da Liberdade, por volta de 1 ou 2 da madrugada. Vejo naqueles corpos noturnos e taciturnos, um reflexo da entidade com quem acabo de conversar, imaginando que a Dama da noite poderia ser uma daquelas travestis que povoavam o espaço noturno da cidade de São Paulo:

Fora da roda, montada na minha loucura. Parada pateta ridícula porra-louca solitária venenosa. Pós-tudo, sabe como? Darkérrima, modernésima, puro simulacro. Dá minha jaqueta, boy, que faz um puta frio lá fora e quando chega essa hora da noite eu me desencanto. Viro outra vez aquilo que sou todo dia, fechada sozinha perdida no meu quarto, longe da roda e de tudo: uma criança assustada. (Abreu, 2014, posição kindle 8185).⁷

No metrô de volta para casa, abro o pedaço de papel em que anotei as tarefas que me foram dadas. Banho de louro, alecrim, abre caminhos, anis estrelado, canela? Ok. Ferver um coração de bananeira no vinho e depois me banhar nessa água? Certo. Colocar uma garrafa de champanhe com uma cigarrilha na porta do cemitério? Anotado. Fico frequentemente pensando se você me acompanha também na elaboração dos meus pensamentos acadêmicos.

Diante da impossibilidade de algo mais concreto, gostaria de expandir as conversas que temos tido para a minha elaboração textual, uma vez que vocês têm me acompanhado em tantos pensamentos, histórias, fluxos de

7 Abreu, Caio Fernando. Dama da noite. In: _____. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

pensamento, e me protegido das encruzilhadas e tristezas que frequentemente cruzam meu caminho. Nesse período em que as venho conhecendo melhor, sabem que as suas presenças suscitam muito do que mais me aflige: acolher o incerto e a dúvida. Como saber se o fluxo de consciência que vocês assopram em meu ouvido não é obra do meu inconsciente ou apenas o sintoma de uma psicose não diagnosticada? Seria isso o produto de um emaranhado das suas vozes com a minha? Acho que em primeiro lugar seria interessante lembrar algumas ocasiões em que vocês me marcaram.

Dama da noite, que pode ou não ter sido aquela concebida por Caio Fernando Abreu (2014)⁸, que me acolheu quando estive em São Paulo - extremamente angustiado pela falta de dinheiro, perspectivas e oportunidades. Tive sorte porque você sabia da dificuldade de crescer uma bicha insegura de cidade do interior, sem família influente, e que depende da validação de um homem para me sentir seguro e autônomo. Eu lembro de quando você me pegou pelo queixo - sem furinho - e me disse que eu deveria aprender a dar só aquilo que merecem de mim e me convidou para morar em São Paulo enquanto trabalharia no seu terreiro. O seu convite me devolveu algum nível de tesão por viver e a perspectiva de um futuro mais interessante, permeado pelo que a capital tem a oferecer a uma bicha desmotivada e despreparada como eu, ao tipo de lição e tapa na cara difícil que eu tomaria com a minha ingenuidade. Desde aquela conversa sempre chamo por você nos meus ebós, meditações com velas e homenagens às moças que me acompanham.

Logo depois da nossa interação, fiz o jogo de búzios para descobrir os nomes de minhas entidades e descobri você, Maria Quitéria, que se apresentou como minha moça de frente. Ainda não sei se é a Quitéria do Nordeste, brava, que se utilizou da transição de gênero na luta pela independência baiana ou se é uma mulher cigana, ou uma mulher bruxa incompreendida de seu tempo. De todo modo, a sua personalidade reservada, de poucas palavras, os ebós com poucos itens, porém seletos e de alta qualidade, refletem em muito minha personalidade. Acredito que nossa relação seja permeada pelos silêncios que tento em vão preencher.

Com frequência fico pensando se foi você quem colocou no meu caminho aquele pauzão roliço que eu queria chupar bem no momento certo da semana, bem quando eu precisava superar alguém ou quando precisava de um *booster* de autoestima. Será que é assim que agia em minha vida, me

8 *Ibidem*

mostrando que às vezes era só de um bom pau que eu precisava para curar as minhas dores? Ou, então, que era só castrando algum cara que eu aprenderia a me valorizar. Ou até mesmo que era só aprendendo a comer um cu de vez em quando que eu aprenderia a deixar de ser submisso a qualquer tipo de homem. Sempre agradeço pelos paus e cus que aparecem em meu caminho e que abrem possibilidades ainda não pensadas, caminhos não trilhados e me possibilitam brincar com a minha sexualidade em suas diferentes camadas e espectros de feminilidades e masculinidades.

Assim, peço sua permissão para me conceder a oportunidade de expor ao longo deste trabalho os conhecimentos, sinestesias, sensações e epifanias que pude acumular desde que passei a procurar meios de estreitar a nossa relação. Você sabe, talvez melhor que todos os meus amigos para quem reclamei incansavelmente, dos percalços que enfrentei após o fim do doutorado. A falta de dinheiro, a ausência de oportunidades de emprego na área, a ansiedade para conseguir mudar de estado e/ou país e assim fugir de toda a frustração aparentemente irreversível. Agradeço pela sua presença nos momentos complicados, de ansiedade, angústia e de tédio.

Abraço como quem abraça uma profunda incerteza e a dúvida da angústia do estar sem estar, da não presença, daquilo que se faz presente por meio do pressentimento. Pressinto a sua presença enquanto escrevo meus trabalhos acadêmicos, com as combinações de ervas que as moças que me acompanham já me ensinaram, me questiono sobre a impessoalidade de minha escrita majoritariamente cartesiana em contraste com o acolhimento e calor dos nossos diálogos, que figuram em minhas notas de texto no celular, para que eu não esqueça algumas receitas de banhos, conselhos e previsões que surgem durante nossas conversas. Assim, me autorizo a conduzir essa conversa teórica de forma pessoal e íntima, tocado pela conversa com a Dama da noite no terreiro da Liberdade, que reverbera no conto homônimo de Caio Fernando Abreu, publicado originalmente em 1988.

Segunda roda: a escrita em segunda pessoa

O texto acadêmico, tradicionalmente endereçado a um leitor supostamente universal e impessoal, traz como certeza inerente a possibilidade de fluxo intertextual por um discurso coeso, que parte do intelectual e percorre seu caminho até chegar ao leitor universal, cujo texto terá sua leitura pouco ou quase

nada absorvida. Você sabe que não somos donos do que escrevemos, uma vez que o texto é exposto para o olhar público (Barthes, 2004)⁹. Essa relação, aparentemente cartesiana e unidirecional, pode ser bagunçada a partir do momento em que direciono meu texto a um leitor específico. Uma vez que se vê impelido a assumir uma identidade não-universal, situada e específica, este pode se ver livre da construção de sentidos linear e coesa do texto que se lê.

As moças acham graça do que escrevo, pois duvido da presença delas ao mesmo tempo em que assumo a presença de um leitor universal em relação ao que escrevo. Será que esta não seria a verdadeira projeção e ilusão de universalidade cartesiana? Como diria Jacques Lacan, é a partir do significante fálico que se alcança a posição simbólica também fálica. Essa posição ambiciona a padronização de mundos, a dissolução de ambivalências nos modos de ler o mundo. Aliás, o que seria do inconsciente e seus desejos senão o diabólico? O diabólico que se coloca como desejo, sexo e projeção?

O que você chama de roda, Lacan chama de objeto a. Esses desejos giram a engrenagem do capitalismo e fazem a produção desenfreada de bens de consumo que produzem a ilusão de materialização da nossa identidade. É essa roda que produz o mais-de-gozar. O trabalho psíquico incessante na busca pela satisfação e pela concretização do ideal de eu - sempre intangível, sempre inacessível, tal qual o sexo.

O interlocutor do narrador em segunda pessoa ocuparia a posição de objeto projetado em forma do que, de tão diabólico ou idealizado possa ser, não segura a posição de fisicalidade? Diante da impossibilidade de materializar o inconsciente, Lacan fala sobre o objeto a como a pulsão que move a produção de desejos pelo inconsciente, o qual não seria possível ser nomeado. David-Ménard (2022)¹⁰ enxerga na principal contribuição lacaniana para a psicanálise uma possibilidade de diálogo do campo com o pós-humanismo, uma vez que a resposta que o sujeito procura não estaria dentro de si, mas em uma linguagem externa à sua compreensão. A psicanálise, que seria centrada no humano e sua subjetividade, pode revelar alguns momentos de deslocamento de lente para o pós-humanismo quando aborda o inconsciente pela perspectiva de sua inexistência física, de sua força invisível e deformadora da produção de sujeitos. Esta é baseada na neurose e no recalque de instintos,

9 Barthes, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

10 David-Ménard, Monique. *A vontade das coisas: o animismo e os objetos*. Trad. Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2022.

uma vez que o objeto a é o mais próximo que a psicanálise chega de uma des-centralização do humanismo para um pensamento calcado em subjetividades outras que não a da linguagem.

Coloco aqui as minhas moças na posição de interlocutoras deste texto, uma vez que elas podem ou não ser minhas leitoras, e sua fisicalidade pode ou não reproduzir um corpo centrado na ideia moderna de humano, ou consistir em uma arquitetura corporal que desafia a lógica cartesiana centrada no sujeito. Construir um interlocutor de um texto escrito na segunda pessoa pode implicar que este não possua uma fisicalidade que reproduz o corpo humano canônico, conforme os discursos médico e jurídico contribuíram para cristalizar-se como condição possível única ao longo da Modernidade.

E é porque há alguém a quem se conta sua própria história, algo sobre si mesmo que ele desconhece ainda, ao menos no nível da linguagem, motivo pelo qual ele pode organizar um relato em segunda pessoa, que resultará, por conseguinte, em um relato “didático”. Sempre que se quiser descrever um progresso da consciência e o nascimento da linguagem, a segunda pessoa é a mais indicada (Botoso, 2021, p. 323).¹¹

Discordo de Altamir Botoso em sua afirmação de que a narração em segunda pessoa tenha que compor, necessariamente, um relato didático. Discordo também de que a consciência siga necessariamente uma linearidade progressiva. De todo modo, não preciso me alongar, uma vez que tais termos do léxico estruturalista já foram de certa forma superados, a não ser por aqueles nostálgicos que voluntariamente se mantêm reféns da tradição acadêmica do século XX. Durante algum tempo, essa tradição determinou que as ciências humanas precisavam se basear em fórmulas e dados quantitativos para se manterem relevantes e serem levadas a sério, mimetizando assim as metodologias e formas das ciências duras.

Ao conduzir um texto na segunda pessoa, sou tomado pela insegurança do que faço, uma vez que vocês, pombagiras, que carregam a energia do desfazimento da repressão sexual, da sublimação da libido e do apagamento do tesão, sabem melhor que ninguém o peso que uma autoridade pode ter na obliteração de uma subjetividade dissidente, que não se vê refletida em

11 Botoso, Altamir. O romance em segunda pessoa: análise estrutural. In: *Revista Letras Raras*, v. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1955/1848>. Acesso em: 10 janeiro 2025.

nenhuma figura de autoridade. E me ensinaram que tomar a narrativa para si é, ao mesmo tempo, libertador e desafiador. É necessário, portanto, arriar o narrador, como se este fosse um médium capaz de compor um enunciado que se dirige não a um leitor universal, mas a um leitor cindido, dividido, em busca de meios para dissolver a autoridade do discurso. Aliás, por que eu deveria imaginar um leitor que possuíse um conjunto de partes espelhando o corpo canônico humano? Esta me parece uma visão exageradamente humanista. Essa projeção de desejo em algo intocável, imaterial, me remete à principal contribuição que Jacques Lacan deixou para a psicanálise.

Lacan (2005)¹², no *Seminário 10*, nomeia a ideia de objeto a, que já vinha sendo pincelada em seminários anteriores. Este seria o que sobra do Real enquanto um dos registros do inconsciente. O objeto a é aquilo que desperta o desejo, a falta e as pulsões do inconsciente. É assim que o inconsciente pode ser pensado a partir da imaterialidade e do que supera o humano. É assim também que imagino vocês, como um conjunto de objetos e forças que extrapolam uma arquitetura corporal cristalizada no imaginário ocidental. Isso que você chama de quiumba (um espírito obsessivo, maligno) é para Lacan uma neurose, aquilo que reside de desejo, pulsão de vida e morte misturados e mal resolvidos dentro da gente. Apesar de muitos desencontros entre psicanálise e axé, o objeto a (a de axé?) pode ser um ponto de convergência para pensar as relações entre psicanálise e pós-humano. É levar o sujeito a reconhecer que o seu desejo está presente em um objeto externo a si mesmo, sobre o qual possui pouco ou nenhum controle.

Na angústia de não conseguir nomear, é pelo menos possível dar forma a esse objeto? É possível que ela adquira contornos humanos? Walter Benjamin (1984)¹³ pediu, em um de seus textos, pelo fim da boneca realista na cultura ocidental. Você sabe que as bonecas antigas não eram uma reprodução corporal dos sujeitos. Uma boneca não era necessariamente uma Barbie, loira, magra, de olhos azuis e cabelos lisos. Tratava-se de um objeto que não imitizava a arquitetura corporal linear do sujeito moderno. Poderia se tratar de uma junção de elementos da natureza, como gravetos, poeira de carvão, pedras, rochas, tintas e plantas desidratadas.

12 Lacan, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

13 Benjamin, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus Vinicius Mazzeri. São Paulo: Summus, 1984.

Para Benjamin, a boneca cristalizada pela lógica moderna simboliza uma perda para o imaginário filosófico e cognitivo das crianças, que crescerão com a ideia de que o corpo humano é o único possível para a sensibilidade. O que extrapola o sensível, que possui contornos que vão para além das bordas corporais, passa a ser então tido como descartável e desnecessário. É como se as possibilidades de conexão animistas tivessem tido sua ancestralidade descartadas e invalidadas, uma vez que não mais serviam a uma mentalidade cartesiana, colonialista, que via na razão e na medicalização do discurso uma crucial ferramenta para a automatização semiótica da sensibilidade.

Para além de imaginar as falanges atuantes de vocês, moças, como essas imagens de mulheres esbeltas, bruxas, ciganas, feiticeiras, cobertas de joias e roupas vermelhas, gosto também de imaginar que vocês se apresentam a partir de outros elementos. As chamas das velas vermelhas e pretas que acendo toda semana, nas ervas que uso para banhos para a nossa conexão. Vocês são o emaranhamento de elementos anímicos que, juntos, somam uma percepção distinta do sensível, do não-palpável e do existir entre. Se Michel Foucault (2007; 2019)¹⁴ observou que o humano historicamente tendeu a produzir um conhecimento irrestrito debruçado sobre si mesmo e sua própria história, nesse movimento aparentemente teleológico de produção de conhecimento está presente a sistematização de crenças e da convivência com o não visível por meio da institucionalização de religiões. Penso no quão admirável é a quantidade de falanges atuantes das moças, que impede uma categorização mais robusta quanto à sua forma, aparência, personalidade e conjunto de traços que definem um corpo à semelhança da arquitetura canônica do sujeito ocidental.

Assim, penso que o ato de dirigir o meu texto a um sujeito-objeto anímico pode ser também uma tentativa de complicar o cartesianismo da escrita acadêmica.

Fechando a roda

Conforme Muniz Sodré (2017; 2019) propõe em *Pensar Nagô*, o pensamento nagô é um paradigma que se funda na encruzilhada como lugar de transmutação dos modos de existência, onde a alegria e a experiência prática são condições de possibilidade do conhecimento. Exu é o senhor dos caminhos

14 Foucault, Michel. As ciências humanas. In: _____. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Foucault, Michel. Os insensatos. In: _____. *História da Loucura na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2019.

e das passagens. Ele não é apenas o guardião, mas também o próprio portal. Em termos deleuzeanos, Exu é operador do rizoma, com suas múltiplas conexões, sem hierarquia nem ponto fixo, sempre pronto a reorientar fluxos. Na cidade, Pombagira embaralha o mapa do urbanismo higienista; interrompendo as linhas retas, cria desvios, introduz bifurcações inesperadas no trânsito dos corpos. Para a luta antimanicomial, Pombagira pode ser a recusa radical das formas de parentesco baseadas na família nuclear e patriarcal, tal qual Antígona. Indo além do mito grego, ela também pode se estabelecer como reivindicação para dissolver formas de reconhecimento enquanto condicionadores para a participação social.

Leda Maria Martins (2023), por sua vez, teoriza a encruzilhada como lugar de memória, performance, produção de conhecimento, articulando a noção de ‘tempo espiralar’, que por sua vez seria uma temporalidade não linear que escapa ao cronos colonial e se inscreve no corpo em performance. E é aqui que podemos pensar o manicômio não só como prisão médica, mas como uma linha de fuga capturada. A linha de fuga, no seu sentido pleno, como sendo potência de invenção, que dissolve códigos dominantes e abre zonas de criação. O manicômio captura essa força e a dobra sobre si mesma, transformando o fora em um buraco negro, um deserto de conexões. No manicômio, a fuga não leva a novos mundos; ela é invertida para levar a um fora-de-tudo e a um exílio absoluto.

O processo é duplo, em que primeiro tem-se a foraclusão: o não-lugar concedido à diferença. Em seguida, a institucionalização dessa recusa, em que o manicômio surge como monumento da exclusão, máquina necropolítica que produz morte social, subjetiva e física. Contra isso, o povo da rua age como máquina de guerra, não na intenção de conquistar o centro, mas de deslocar a composição do plano de consistência e devolver as linhas de fuga ao seu destino criador.

Pensar Stella do Patrocínio junto à Dama da Noite e ao grupo de travestis e prostitutas daquela esquina da Liberdade é se deslocar para uma foraclusão aberta ao devir-pombagira, devir-malandro, devir-exu. É pensar na epistemologia que se desenvolve nos becos das grandes cidades, nas esquinas cheirando a cerveja, urina e fezes; nas encruzilhadas historicamente perpassadas pelo povo da rua, nos terrenos abandonados que guardam rastros de experiências sexuais limítrofes, com cheiro de gozo, sêmen, sangue e tesão.

No momento em que essas vozes, corpos e presenças tomam para si o gozo dos espaços urbanos (sejam eles o pátio do manicômio, a rua da Liberdade ou o salão de um bar), algo escapa da captura. É uma linha de fuga que se mantém, mesmo diante do risco constante de ser dobrada pelo manicômio, pela polícia, pela moral, pelo que insiste em normatizar.

Mas enquanto houver quem incorpore, dance, transe, fale e circule nesses espaços, a cidade continuará a produzir acontecimentos que nem a mais fechada das instituições conseguirá neutralizar, como diz Stella do Patrocínio: Depois do entre a vida e a morte / Depois dos mortos / Depois dos bichos e dos animais / Só fica a vontade como bicho e como animal (Patrocínio, 2001, p. 120)¹⁵.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. Dama da noite. In: _____. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BEBER, Bruna. *Uma encarnação encarnada em mim: cosmogonias encruzilhadas em Stella do Patrocínio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- BOTOSO, Altamir. O romance em segunda pessoa: análise estrutural. In: *Revista Letras Raras*, v. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1955/1848>. Acesso em: 10 janeiro 2025.
- BUTLER, Judith. *Antigone's claim: kinship between life and death*. New York: Columbia University Press, 2000.
- DAVID-MÉNARD, Monique. *A vontade das coisas: o animismo e os objetos*. Trad. Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2022.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Luiz Orlandi e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

15 *Ibidem*

- FOUCAULT, Michel. As ciências humanas. In: _____. *As palavras e as coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, Michel. Os insensatos. In: _____. *História da Loucura na Idade Clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MARTINS, Leda Maria. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- MARTINS, Leda Maria. *Artografias da memória*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- PATROCÍNIO, Stella do. *O reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Organização e transcrição de Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.
- SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*.